



A SIMBOLOGIA DO MITO PRESENTE NAS PINTURAS EGÍPCIAS

Margareth Carli

O presente Artigo Científico teve como enfoque a importância do Antigo Egito, cheio de mistérios, sendo, uma das principais civilizações da antiguidade, riquíssimo em sua cultura regida pela simbologia religiosa e pautada em mitos e crenças e a funcionalidade em relação as suas pinturas, pois, cultuavam diversas divindades. Variavam de temas ligados à cosmologia (evolução do universo em seu todo, preocupando-se tanto com a origem quanto a sua evolução) e à cosmogonia, (discrição hipotética da criação do mundo). Esta civilização milenar apresenta a qualidade de suas pinturas parietais elaboradas por simples artesãos, representadas nas tumbas, palácios e templos, com inúmeros significados e com as características de um povo mítico no qual se refere à vida além-túmulo. Suas pinturas tinham ligação com a vida terrestre, mas seus temas estavam relacionados à morte e ressurreição. Os artistas eram denominados de “*escriba dos contornos*”, estes sujeitavam-se a convenções pré estabelecidas e rígidas. As pinturas tinham a finalidade de preservar as imagens do morto e seu tesouro, para que a alma, caso não se lembrasse de sua vida terrena quando despertasse no além-túmulo, observaria estas e se recordaria de seu passado.

Palavras chaves: simbologia religiosa, mitos, divindades, vida além-túmulo.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve por objetivo mostrar a história do Antigo Egito, apresentar o sagrado, que sempre esteve presente na vida do povo egípcio e o quanto a religião, as mitologias e os rituais persistiram ao longo dos séculos. Compreender a importância que a religião determinava para este povo e a relevância desta para a arte, através da qual toda a produção artística estava subordinada aos reis e rainhas. Basicamente, quase todas as pinturas estavam relacionadas ao sagrado, pois era toda uma preparação para a vida no além. Esta arte era totalmente voltada para a eternidade, para a conservação da tradição religiosa para a exaltação à morte, além de cultuar crenças em deuses que influenciavam o seu cotidiano.

A partir desta pesquisa, o tema deste artigo possibilitou, criar condições para a reflexão sobre a simbologia de mitos e crenças representadas nas pinturas das tumbas, para tanto foram necessárias informações conceituais que nos levem à reflexão e ao aprofundamento deste tema tão rico, misterioso e atual.

Esta pesquisa contribuiu para o aprendizado relacionado à questão da arte aplicada na religiosidade com sua rigidez, através das pinturas e quanto à forma de ser representada.

BREVE HISTÓRICO

Manethon, considerado um grande sacerdote do período helenístico, compilou um quadro de dinastias dos reis num contexto elaborado cronologicamente, dividindo a história egípcia em reinos: Reino Antigo, Reino Médio, Reino Novo e época tardia, sendo estas separadas por “períodos intermediários”.

O Egito Faraônico foi muito próspero em relação às inúmeras inovações, principalmente na agricultura, às quais cenas eram representadas nas tumbas pinturas e relevos. A produção agrícola dava-se em um período curto e nesse ínterim os egípcios disponibilizavam sua mão de obra para atividades artesanais,

como também para os palácios, templos, tumbas reais entre outros monumentos.

Conforme descreve Ciro Flamarion Cardoso, a respeito deste assunto como era denominado o mundo antigo egípcio:

O Egito era considerado um “formigueiro humano” do mundo antigo, pelo fato de sua extraordinária fertilidade, a qual dependia inteiramente da inundação. Devido a este fato a atividade artesanal se desenvolvia em função das matérias primas fornecidas pelo rio, por exemplo: a fabricação de tijolos e de vasilhame com argila úmida do Nilo, retirada após a inundação.

O artesanato era dividido em grupos: nas áreas rurais e aldeias existiam oficinas que produziam tecidos grosseiros, vasilhas utilitárias, tijolos, artigos de ouro, produtos alimentícios (pão, cerveja) etc. Já o artesanato de luxo, exigia uma dedicação maior, mais requintes, tais como a ourivesaria, metalurgia, fabricação de vasos de pedra dura ou de alabastro, móveis, tecidos finos, barcos, pinturas e esculturas, etc. as mais importantes oficinas pertencia ao rei e aos templos. (CARDOSO, 2004, p. 38 e 39).

Quando o homem egípcio não estava trabalhando nas plantações, desde o preparo da terra até a colheita, este se ocupava com outros serviços, que eram divididos em dois grupos: geralmente na fabricação de utensílios artesanais que produziam desde tecidos mais grosseiros, tijolos, utensílios domésticos à produção de alimentos, este se localizava na zona rural, já os serviços que exigiam maior habilidade, requinte e refinamento trabalhavam para o faraó na corte, na fabricação de tecidos finos, joias, construção de barcos, pinturas e esculturas.

No Reino Antigo, o maior destaque foi o surgimento da escrita hieróglifa, o aperfeiçoamento da técnica de trabalho em pedra para as grandes construções, cujos vestígios foram encontrados em Sakara.

Personalidades de destaque desta época foi o faraó Djoser e seu ministro, arquiteto e médico, o sábio Imhotep, que mais tarde foi adorado como divindade. O primeiro sepulcro a ser construído foi a pirâmide de Djoser, em degraus na região de Sakara. De acordo com Ciro Flamarion Cardoso, na sequência as construções foram marcadas por obras gigantescas, as pirâmides

de Gizè (Gizé), dos faraós Khufu (Quéops), Khafra (Quéfren) e Menkaura (Miquerinos). (CARDOSO, 2004, p. 57).

Os dois primeiros levantaram monumentos de tal magnitude que mostrava o seu poderio, tanto político quanto econômico, muito bem organizado; quanto maior o monumento, maior era o poder do rei. Nesta dinastia, o rei-deus (Rei-Deus) é considerado a encarnação de Hórus, sendo este um apogeu do poder absoluto. Na dinastia seguinte, a concepção monárquica ascendeu para o culto do deus solar Rá, na cidade de Heliópolis.

No Reino Médio, os faraós adquiriram o costume de associar ao trono o príncipe herdeiro para facilitar a sucessão.

Conforme Ciro Flamarion, o Reino Novo corresponde ao ápice da riqueza e do refinamento da civilização faraônica, com uma ascensão progressiva, tanto política quanto econômica, do sacerdócio especialmente em Tebas, cujo deus-amon, identificado com o sol como Amon-Rá, que iniciou no Reino Médio, com domínio no panteão oficial e a hierarquia sacerdotal de todo o Egito. (Cardoso, 2004, p. 68).

Ainda diante deste contexto, Ciro Flamarion Cardoso descreve:

O caráter divino dos reis transmitia-se pelas mulheres: era preciso que o verdadeiro fosse filho não só do rei, mas também de uma princesa de sangue real.

Por consequência disso os faraós casavam com suas próprias irmãs, e esporadicamente com as próprias filhas e se o rei fosse filho de uma esposa secundária ou de estranha linhagem real, devia casar-se com uma princesa de sangue. Caso isso não ocorresse o faraó podia optar à legitimação por ficção religiosa; um oráculo do deus Amon, (o deus gerava o soberano em sua mãe terrestre – teogamia). A rainha Hatshepsut usou desse artifício. (CARDOSO, 2004, p. 69 e 70).

Por não gerar um filho herdeiro do trono real a rainha Hatshepsut usou desse artifício para manter-se no trono com a proteção dos deuses; e assim se fez coroar rainha, com uma titulação completa.

Ainda no Reino Novo, o faraó Amenhotep IV, que tinha como principal esposa Nefertiti, que não lhe deu nenhum filho e várias filhas, iniciou a Reforma religiosa com conotações políticas, bem como iniciou o culto ao próprio disco visível do Sol-Aton, Amenhotep IV, mudou seu próprio nome para Akhenaton,

pois lembrava Amon, em homenagem ao novo culto, também tentou impor o monoteísmo, construindo um grande templo em Tebas. Após a sua morte, Nefertiti assumiu o trono por um breve período, e, da mesma linhagem, Tutankhamon assumiu o governo em Tebas, restaurando seu poder e riquezas anteriores, porém seu reinado também foi muito breve.

Ciro Flamarion Cardoso explica que outros textos conhecidos como “ciência”, construídos em coletâneas, continham receitas de medicamentos, fórmulas geométricas e trigonométricas para a agrimensura ou para a construção, a medicina, e a astronomia, entre outros ramos estavam ligados profundamente à magia e à religião. Estes conhecimentos pertenciam a uma classe elitizada tais como: sacerdotes, funcionários, escribas e cortesãos. (2004, p. 110).

RELIGIÃO

Desde o período pré-histórico o homem acreditava em magia, tinha medo de raios e trovões, originando disso o culto a algo superior, como vários deuses (sol, lua, trevas...), estes eram venerados com rituais, magias e crenças, e, não foi muito diferente com o povo egípcio, conforme explica o autor *Ciro Flamarion Cardoso*, tudo no Antigo Egito era movido pela religião, desde a superposição e organização das divindades, cada santuário era dedicado a uma divindade suprema e criadora. (2004, p. 97). A maioria dos deuses era de origem “totêmica”, ligados a animais, que estavam relacionados ao culto de seus antepassados tribais a exemplo de Hórus, representado por um falcão, ou por corpo de homem com cabeça de falcão. (2004, p. 98).

Conforme descreve *Nicolas Grimal*:

Supôs-se que cada uma das insígnias representava a primeira etapa da constituição política do país: o grupo humano de base, qualquer que fosse, identificava-se a seu totem que representava a potência divina dominante no local. Esta fase constitutiva supõe uma cosmologia que dá conta satisfatoriamente da hierarquia das potências, constatada de modo empírico. Em outros termos, deve ter-se formado uma federação divina local, em torno de um demiurgo, que encontramos nas “famílias” divinas honradas em cada capital de província. O local da federação se constitui assim em torno de um espaço sagrado, marcado pelo

temenos divino, ao qual se superpõe o do poder do qual ele é o fundamento: a Muralha branca ou o Relicário de Osíris... Cada deus vê-se atribuir, à testa de sua própria família, o mesmo papel que o criador universal ocupa frente à do Pantéon. Daí uma grande semelhança na organização material do culto e de seus locais, seja qual for a divindade. (GRIMAL, 2012, p. 39).

Cada clã local tinha um totem, adotado com um emblema deste povo, que consideravam seus ancestrais e protetores, o totem costumava ser um poste ou coluna que podia ser representado por um animal, uma planta ou qualquer outro objeto, era um espaço sagrado, que eram vistos com veneração, consistia em um símbolo familiar com poderes sobrenaturais e com características protetoras, estes eram rodeados por uma aura de magia, medo e superstição. O totem também era visto como um espírito protetor daquele clã.

Devido a isso, cada região do Egito tinha as suas divindades específicas e construíam “totem”, “obeliscos”, para a proteção da sociedade local.

De acordo com Mircea Eliade:

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito mais perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o *sagrado* equivale ao *poder* e, em última análise, à *realidade* por excelência. O sagrado está saturado no ser... A oposição sagrado/profano traduz-se muitas vezes como uma oposição entre o *real* e o *irreal* ou pseudo-real. (ELIADE, 2010, p. 18).

O homem sente a necessidade de estar envoltos do sagrado ou mesmo objetos consagrados. Essas atitudes são compreensíveis, pois, em qualquer sociedade o “*sagrado equivale ao poder*” e quem tem o poder tem o domínio, o controle sobre determinadas situações.

Ciro Flamarion Cardoso esclarece que com o passar do tempo houve a necessidade de hierarquizá-los e explicar as relações entre os deuses. A exemplo disso tem-se: as tríades de: “Osíris, Isis e Hórus”, “Amon, Mut e Khonsu” entre outras e também as “sínteses teológicas” que explicavam a origem do mundo e dos deuses, tais incoerências não incomodavam os egípcios desta época, também houve adoção de deuses estrangeiros e divinizado a outras personalidades como Imhotep. (2004, p. 99).

Conforme conteúdo explicitado por Mircea Eliade:

A repetição fiel dos modelos divinos tem um resultado duplo: (1) por um lado, ao imitar os deuses, o homem mantém-se no sagrado e, conseqüentemente, na realidade; (2) por outro lado graças à ritualização ininterrupta dos gestos divinos exemplares, o mundo é santificado. O comportamento religioso dos homens contribuem para manter a santidade do mundo. (ELIADE, 2010, p. 88).

A história se revela como uma nova dimensão da presença de deus no mundo. A história volta a ser história sagrada – tal como foi concebida, dentro de uma perspectiva mítica nas religiões primitivas e arcaicas. (ELIADE, 2010, p. 98).

Estas representações de imitação aos deuses com simbolismos religiosos mostram que o homem deve manter-se no sagrado, em comunicação com o mundo divino, viver o mais próximo possível dos deuses e conseqüentemente na realidade, no mundo terreno, contribuindo assim para um mundo mais santificado, esta cultura vem desde o mundo primitivo.

Alguns estudiosos do século XIX, vêm afirmando que apesar de uma religião aparentemente politeísta, os antigos egípcios eram de fato monoteístas. Pois, as atribuições das divindades eram unitárias. Houve uma tentativa de unificação e simplificação da religião em torno da figura do sol foi à reforma fracassada de Akhenaton mesmo derrotada teve influências posteriores.

Conforme explica Ciro Flamarion Cardoso, as crenças funerárias foram importantíssimas para a religião egípcia também havia divergências que para alguns o morto renascia na própria tumba, que era sua “casa de eternidade”, que recebia oferendas de comida e bebida e que às vezes poderia sair em forma de pássaro. (2004, p. 97 e 98).

A religião funerária era pré-fixada de magia em todos os seus aspectos. De acordo com Ciro Flamarion Cardoso:

(...) as crenças sobre a vida depois da morte fizeram dos túmulos egípcios os mais ricos de toda a história humana oferendas enterradas com os defuntos e em representações diversas da vida cotidiana e das atividades profissionais do morto e seus subordinados. (CARDOSO, 2004, p. 103).

No Antigo Egito, a religião fazia parte da vida, tanto pública quanto privada, em todos os aspectos, desde as cerimônias realizadas pelos sacerdotes para garantir a inundação e agradecimentos à colheita, com rituais solenes às divindades adequadas. (CARDOSO, 2004, p. 104).

A respeito dos oráculos aos deuses, principalmente de Amon (Reino Novo), buscavam solucionar os problemas políticos e democráticos antes de tomarem quaisquer decisões de peso. A magia e a religião tinham influência na medicina, as mulheres praticavam rituais e símbolos de fertilidade. Amuletos e outras proteções mágicas eram, cada vez mais, constantes utilizados tanto pelos vivos quanto pelos mortos.

Os egípcios acreditavam que suas vidas não terminavam com a morte, diante disso havia a necessidade de quando um faraó assumia seu trono, ou melhor, dizendo, seu reinado, a primeira obra a ser construída seria sua tumba. Significava que seu reinado perpetuaria no além, por isso a importância de seu túmulo ser apropriado para guardar todos os seus pertences e com salas para suas oferendas.

Devido a essa crença após a morte, os corpos eram preparados e colocados em suas tumbas com todos os seus pertences, desde seu trono, objetos pessoais, joias, barco entre outros; tudo isso para assegurar a vida eterna com o mesmo conforto da vida terrena.

As tumbas representavam a grandiosidade, o poder e a religiosidade do faraó, que era construída por seus súditos.

Após a construção da tumba mortuária, todas as paredes eram revestidas de pinturas com representações do cotidiano do faraó, sugerindo como foi seu reinado, seus afazeres, como uma espécie de diário. E as pinturas dos personagens mitológicos eram para orientação como deveria ser a passagem para o além, os temas relacionados com a morte e a ressurreição sempre estavam latentes em seu cotidiano. Tinham como objetivo preservar a imagem do morto e suas posses, para que a alma do faraó pudesse sobreviver no além, caso o morto não se recordasse de como tinha sido sua vida terrena,

ao observar tais pinturas se recordaria do posto que assumiu em vida. Pois, a pintura egípcia estava muito ligada à vida, seja ela terrena ou no além.

Devido ao fato do povo egípcio seguir a sua religião, com extrema rigidez, e também a seguirem a orientação dos deuses, então, conseqüentemente tudo era determinado, desde a sua organização social, política, cultural e principalmente na continuação da vida no além.

MITOS

A civilização egípcia é riquíssima, com todos os seus símbolos, mitos e deuses, pois possuem um significado profundo e para esta civilização todo esse conjunto é mágico.

Os egípcios desenvolveram suas atividades diárias baseados no conhecimento do “sagrado”. O governo era nutrido por uma consciência cósmica, ... os deuses revelavam uma pluralidade dos atributos de um deus impessoal, onisciente. Esta consciência cósmica era embasada no conhecimento científico, filosófico e metafísico dos sacerdotes, estes princípios foram calcados em valores e princípios que nortearam esta civilização.

O povo egípcio refere-se a uma consciência superior preexistente, que criou a si mesmo, os universos, é imortal, atemporal, onipresente e onipotente; este conjunto primordial é uma fonte inesgotável de energia, é invisível.

Neste contexto Mircea Eliade acrescenta:

Descobre-se o mesmo desejo de aproximação dos deuses quando se analisa o significado das festas religiosas. Restabelecer o Tempo Sagrado da origem equivale a tornarmo-nos contemporâneos dos deuses, portanto a viver na presença deles – embora esta presença seja “misteriosa”, no sentido de que nem sempre é visível... revela o desejo de reintegrar uma situação primordial: aquela em que os deuses e os antepassados míticos estavam presentes, quer dizer, estavam em via de criar o mundo, ou de organizá-lo ou de revelar aos homens os fundamentos da civilização. Essa “situação primordial” não é de ordem histórica, não é de ordem cronologicamente calculável; trata-se de uma anterioridade mítica, do Tempo da “origem”, do que se passou “no começo”, *in principium*. (ELIADE, 2010, p. 81 e 82).

O “sagrado” fazia parte do cotidiano, portanto viviam na presença dos deuses, embora sendo uma presença misteriosa, nem sempre era visível, pois

no passado os deuses estavam presentes, criaram o mundo e o organizaram. Esta ordem não é histórica nem cronológica, mas, sim de uma ordem anterior mítica, revelando o começo, o princípio de tudo.

Conforme, Mircea Eliade esclarece que:

Numerosos ritos acompanham a passagem do limiar doméstico: reverências ou prostrações, toques devotados com a mão etc. O limiar tem os seus “guardiões”: deuses e espíritos que proíbem a entrada tanto aos adversários humanos como às potências demoníacas e pestilenciais. É no limiar que se oferecem sacrifícios às divindades guardiãs. É também no limiar que certas culturas paleoorientais (Babilônia, Egito, Israel) situavam o julgamento. O limiar, a porta, mostra de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo tempo, de um veículo de *passagem*. (ELIADE, 2010, p. 28).

Os rituais eram realizados para oferecer sacrifícios aos deuses, como também impedir que as potências demoníacas perturbassem o julgamento; o limiar separava os dois modos de ser, o profano e o religioso, sendo esta a fronteira entre os dois mundos, significava a passagem do mundo profano para o sagrado.

Dentro deste contexto, Eliade acrescenta que no período do Antigo Egito esses rituais religiosos sagrados apresentam a possibilidade de transcendência, os egípcios acreditavam que os deuses desciam a terra e subiam aos céus, através de uma porta que servia de passagem para esta finalidade. Esta era a porta de comunicação entre os deuses e os seres humanos. (ELIADE, 2010, p. 30).

De acordo com Mircea Eliade:

O mito conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do tempo, *ab initio*. Mas contar uma história sagrada equivale a revelar um mistério, pois as personagens do mito não são seres humanos: são deuses ou heróis civilizadores. Por esta razão, suas *gestas* constituem mistérios... O homem poderia conhecê-los se não lhe fossem revelados. O mito é pois, a história do que se passou *in illo tempore*, a narração daquilo que os deuses ou os seres divinos fizeram no começo do tempo. “dizer” um mito é proclamar o que se passou *ab origine*. (ELIADE, 2010 p. 84).

Para os egípcios o mito surgiu para uma explicação do surgimento do cosmos, do mundo, por isso a necessidade de uma crença, de repetir os gestos divinos; o homem deseja e se esforça para agradar os deuses e estar o mais próximo possível deles. Estes personagens não são seres humanos, são deuses que civilizaram o mundo.

Para Eliade, o homem religioso estabelece seu próprio modelo para atingir outro plano, aquele revelado pelos mitos, o homem torna-se verdadeiro somente através dos ensinamentos mitológicos, imitando os deuses.

Conforme o conteúdo explicitado por Mircea Eliade:

Uma “história sagrada” cujos atores são os deuses ou os seres semidivinos. Ora, a “história sagrada” está contada nos mitos. Por consequência, os participantes da festa tornam-se contemporâneos dos deuses e dos seres semidivinos. Vivem no tempo primordial santificado pela presença e atividade dos deuses... ao imitar seus deuses, o homem religioso passa a viver no tempo da origem, o tempo mítico. Em outras palavras, “sai” da duração profana para reunir-se a um tempo “imóvel”, à “eternidade”. (ELIADE, 2010, p. 93 e 94).

A civilização em questão tem uma “história sagrada” embasada em mitos de deuses e semideuses, no caso os faraós. Os semideuses ou semidivinos procuram imitar os deuses, saindo do mundo profano para viver à eternidade.

ALGUNS DEUSES MITOLÓGICOS

Segundo Margaret Bakos, o mito é uma estória ostensivamente histórica, que visa geralmente a “explicar alguma prática, crença, instituição, fenômeno natural, uma pessoa ou coisa existente na imaginação”. (BAKOS, 2014, p. 197).

Os mitos são pequenas histórias que mostram muitos valores e normas de uma determinada sociedade, no caso em questão a egípcia.

Seguindo nesta mesma linha, Margaret Bakos esclarece:

Os mitos expressavam para além dos pensamentos e das ideias dos antigos egípcios sobre eles mesmos, um conceito do mundo em que viviam tão conscientemente como nós. Não importa que as criaturas das narrativas mitológicas sejam astros, seres humanos e/ou animais

ou figuras antropomórficas, compostas por traços de bichos selvagens e/ou domésticas, aves, répteis. Imposta antes que a noção contemple o que pode ser entendido como criações de cunho imaginativo. (BAKOS, 2014, p. 198).

Para os egípcios os mitos exprimiam um conceito e não se preocupavam com a forma desta representação, pois era uma interpretação do imaginário.

NUN – um ser subjetivo, um abismo líquido, águas primordiais (oceano), sem início, sem fim e sem direção, é energia/matéria sem forma, indefinida e não diferenciada.

ATUM – diante do caos no meio das águas de Nun, emergiu uma colina, e nesta surge átomo primordial, um ser objetivo, que deu início ao divino, representativa dos elementos do universo, através de sua masturbação cria o primeiro par divino, os deuses Shu e Tefnut.

SHU – deus da atmosfera do ar seco. TEFNUT – deusa da umidade. Tiveram dois filhos Geb, a terra, e Nut, o céu, uniram-se e geraram as estrelas. Shu com ciúmes os separou e proibiu Nut de ter filhos em qualquer dia do mês. Nut foi até Thoth e ganhou mais cinco dias, e nestes dias gerou Osíris, Isis, Seth e Neftis.

GEB – deus da terra proporciona o enterro no seu solo após a morte, é representado pelas cores verde, significando a vida, e o preto que simboliza a lama fértil do Nilo, sempre posicionado embaixo da curva do corpo de Nut. Tem por função a fertilidade e o sucesso nas colheitas. Geralmente, nas pinturas é representado com um ganso sobre a cabeça.

NUT – deusa do céu, do firmamento, é considerada a mãe divina, é representada com um corpo alongado, coberto por inúmeras estrelas, formando um arcobotante celeste que se estende sobre a terra, como se a deusa Nut estivesse abraçando Geb, o deus da terra. Nut é mãe de dois pares divinos, Osíris e Isis, Seth e Neftis; Seth ao nascer já mostrou sua maldade e inveja rasgando o ventre de sua mãe.

OSÍRIS - usando uma coroa de penas de avestruz, é retratado como uma múmia, segura o báculo e o chicote. Seu culto estava relacionado ao mito que proporcionava a esperança da vida após a morte. Era o governante da

morada dos mortos e, justamente com outras divindades, como Anúbis, tinha a função de orientar uma série de rituais pelos quais as almas dos mortos passavam desta vida para outra. Seu culto originou na cidade de Abidos, do Egito Antigo, local onde foi representada a sua morte.

ÍSIS – deusa do amor, usa uma coroa com a forma de trono, o que indicava a personificação no trono dos faraós. Reconhecida como a deusa do renascimento e da reencarnação, e protetora dos mortos, para alguns como feiticeira pois, ressuscitou Osíris e concebeu um filho com ele com um falo simbólico, por isso deusa protetora dos mortos. Isis e Osíris simbolizam as polaridades em harmonia, eram almas gêmeas, a complementaridade e a superação dos opostos. Desde o momento em que foram gerados, Isis e Osíris já se amavam. Considerada protetora da natureza e da magia, devido aos seus feitos, também era considerada uma deidade da maternidade e da fertilidade. Geralmente era retratada nos sarcófagos como a deusa alada, com grandes asas esticadas, de forma protetora, contra quaisquer maldades.

SETH - era considerado o deus do deserto, iniciou a disputa pelo poder com Osíris, deus da vegetação e da vida. Seth assassinou Osíris, e colocou em um ataúde e jogou no Nilo. Isis e Neftis o localizaram. Seth descobriu e roubou o sarcófago, e esquartejou o corpo de Osíris e espalhou pelo Egito. Isis, através dos conhecimentos de Anúbis, reuniu todos os pedaços de Osíris, com exceção do falo, que foi devorado por um peixe; Isis o enrolou com ataduras e, assim, surgiu a primeira mumificação. Isis, com seus poderes mágicos e ritualísticos, ressuscitou Osíris, por alguns instantes, e com um falo simbólico engravida de Hórus, que por sua vez na vida adulta, vingou a morte de seu pai e assumiu o trono que era seu, por direito. Seth era representado com um focinho longo e curvado, dois tufos na cabeça e cauda reta.

NEFTIS – deidade da natureza, não foi maldosa como seu marido, lamentou a morte de Osíris, ajudou sua irmã Isis na procura deste, e foi denominada a guardiã dos mortos; com sentido positivo, ajuda o falecido em seus momentos finais para garantir-lhe a vitória no além. Neftis e Seth simbolizam as trevas e a luz, respectivamente, o antagonismo, o atrito, o confronto entre os opostos. Seu nome tem o significado de “Senhora da casa”,

num sentido mitológico como a casa para onde o sol vai à noite, ou seja, os céus noturnos.

HÓRUS - filho de Osíris, deidade dos céus, era retratado como um falcão, seus olhos representavam o sol e a lua, ora representado como uma figura humana adulta, ora como uma criança. Vingou a morte de seu pai Osíris, derrotando Seth, e tornando-se rei vivo do Egito. Na luta com Seth, perdeu um dos olhos que foi substituído por uma serpente (que mais tarde os faraós usaram na coroa – simbolizava também o poder de Wadjet que também afastava o mau olhar) simbolizando o poder real. O olho ferido era o da lua, por isso a explicação para as fases da lua. Nesta mitologia, os olhos significavam “os espelhos da alma”, o olho de Hórus é o olho que tudo vê.

THOTH - Conforme esclarece Margaret Bakos:

Thot era um deus lunar, do baixo Egito, eventualmente levava à cabeça uma coroa que representava a lua crescente. Podia ser representado de duas formas: como um pássaro – O Íbis sagrado – imagem que aparece desde os tempos pré-dinásticos, ou um macaco – babuíno – grafia conhecida desde a primeira Dinastia. O deus Thot representado como íbis, o pássaro, e na forma antropomórfica, com apenas a cabeça da ave e corpo da pessoa. É apontado como o deus protetor dos escribas e o encarregado de anotar os pecados dos mortos na cerimônia de julgamento da passagem desta para outra vida... No mito de Heliópolis Thot é citado como filho de Hórus, divindade suprema, e de Seth, deus do deserto. (BAKOS, 2014, p.110 e 111).

De acordo com Philip Wilkinson:

Thoth, que tinha cabeça de Íbis, era o deus do tempo, das ciências, da escrita e da Lua. O bico recurvo parecia uma Lua crescente e suas penas pretas e brancas representavam as duas fases do ciclo lunar... Acreditava-se que Thoth inventara as várias ciências, entre as quais a astronomia, o direito, a música e – a que mais tem relação com o mito de Osíris e Hórus – a medicina. Foi também o inventor do sistema de escrita hieroglífica dos egípcios e, como era ainda um deus da magia, dizia-se que os hieróglifos tinham poderes mágicos. (WILKINSON, 2010, p. 241).

Um dos símbolos mais importantes, da cultura egípcia, que os deuses carregavam era a cruz, por representar a vida, em muitos casos o sopro da vida eterna. Segundo a mitologia Heliopolitana, Seth por vingança violentou Hórus e desta violência nasceu Thoth.

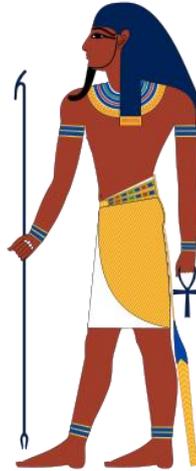
Quadro da Enéade do mito da criação de Heliópolis

NUN

Águas Primordiais (oceano)

ATUM

Átomo primordial



SHU

Atmosfera – Ar



TEFNUT

Umidade

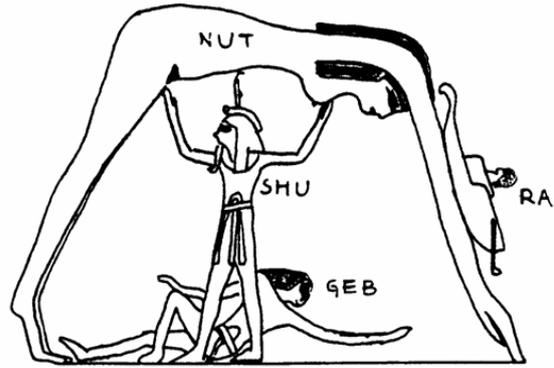
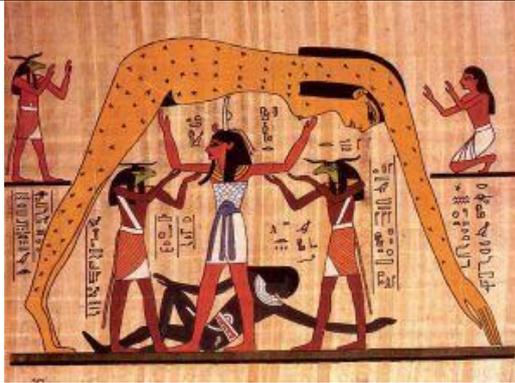


GEB

Terra

NUT

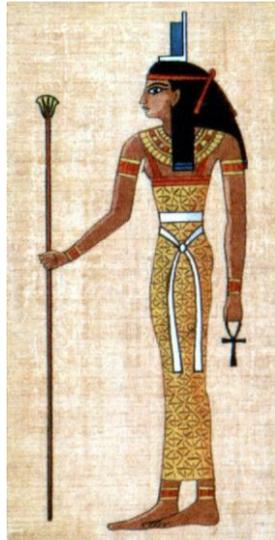
Céu



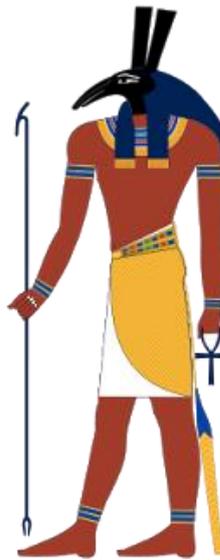
OSÍRIS



ÍSIS



SETH



NEFTIS



HÓRUS



HÓRUS	SETH
<p style="text-align: center;">THOTH</p> 	

<https://pt.wikipedia.org/wiki/seth>

<https://arteemtodaaparte.files.wordpress.com/2011/05/nut-e-geb31.jpg>

PINTURAS

A arte egípcia é muito abrangente e nos mostra vários princípios ideológicos. Esta arte está fielmente ligada à religião, ou seja, aos deuses sagrados.

No Antigo Egito, a arte se desenvolvia na arquitetura, escultura, pintura e artes menores. Tudo isso era em torno dos deuses, do faraó e da corte. Sendo este o maior consumidor e construtor de arte, pois a riqueza e mão de obra concentravam-se em seu poder. Quanto maior o poder do faraó, maior era o seu consumo pela arte.

Desde o Reino Antigo eram fixados padrões ou cânones artísticos que variavam sem perder sua essência e suas características, ao longo dos séculos o estilo egípcio era reconhecido à primeira vista. Foi no reinado de Akhenaton, que houve uma tentativa de quebra destes padrões, tendo como características o naturalismo, o próprio faraó foi representado em posturas menos solenes.

Na pintura, os egípcios não conheciam a perspectiva, houve grandes mudanças no Reino Novo, comparada às pinturas anteriores.

A arte egípcia foi, sem dúvida, uma das mais importantes da civilização mediterrânea, e também uma das mais complexas devido a todos os seus acontecimentos históricos, ao longo de suas XXX dinastias. No mundo egípcio, o que mais se destaca na corte do rei, não somente o Estado como também a religiosidade, tendo como princípio a própria divindade de soberano, a quem era denominado de “deus vivo” que estava presente em todas as manifestações artísticas. (LISE, 1978, p. 03).

Na cultura egípcia, o artista não tinha reconhecimento, era denominado apenas como artesão; aquela pessoa que realizava um trabalho com habilidade e não como um criador, por isso as glórias de seu empenho recaíam sobre o “deus vivo”, que lhe encomendou tal trabalho e levava o seu nome.

Na cultura egípcia, como nas demais, as pinturas sempre iniciaram pelas cerâmicas e eram utilizados pigmentos da natureza; tinham um estilo inconfundível, em relação às cores predominavam os tons avermelhados e o marrom (óxido de ferro), o preto (carbono) e o branco (gesso), além do verde e do azul (pigmentos de pedras semipreciosas). A pintura egípcia foi produzida em maior número sobre o papiro e nas paredes parietais, também dispunham de técnicas artísticas avançadas.

No reino dos faraós a pintura fazia parte de suas vidas, pois estas retratavam o seu cotidiano e, principalmente no que se refere ao corpo, a pintura era fundamental para a expressão visual, cada figura tinha uma cor específica.

De acordo com Gombrich:

A essa lei, à qual todas as criações de um povo parecem obedecer, chamamos de “estilo”. É difícil explicar com palavras o que produz um estilo, mas é muito difícil observá-lo. As regras que regem a arte egípcia conferem a cada obra individual um efeito de equilíbrio, estabilidade e austera harmonia. O estilo egípcio incorporou uma série de leis bastante rigorosas... Os homens eram sempre pintados com a pele mais escura do que as mulheres; a aparência de cada deus egípcio era rigorosamente estabelecida: Hórus, o deus-céu, tinha de ser apresentado como um falcão ou com a cabeça de falcão; Anúbis, o deus dos ritos funerais, como um chacal ou com uma cabeça de chacal. (GOMBRICH, 1999, p. 65).

Tanto na escultura como a pintura, obedeciam aos padrões pré estabelecidos para a representação da figura humana. Nas paredes dos templos, tumbas e palácios a figura humana era representada de frente o olho e os ombros, e na posição de perfil era a cabeça, braços e pernas, esta rigidez nas pinturas era denominado de “Lei da Frontalidade”. Nas paredes, a pintura na superfície era dividida em painéis horizontais separados por linhas, o tamanho das figuras indicava a posição do faraó, e sempre sobressaindo entre os criados, estas eram feitas para durar para sempre.

Neste contexto, Nicolas Grimal acrescenta:

A rampa que começa no templo do vale leva templo do culto, último ponto de contato do território dos vivos com o dos mortos. A rampa pode ser coberta e decorada, como a de Unas em Saqara, que se estende por 700 metros. Os temas decorativos são comparáveis aos que ornamentam as capelas dos túmulos privados, mas têm a dimensão do faraó: contribuição de produtos dos domínios, cenas econômicas, de pastoreio, de caça, de pesca, imagens da vida cotidiana, mas também da construção e do abastecimento do templo e, ... cenas relatando os grandes eventos do reinado. Vemos assim o transporte das colunas de granito que ornavam o templo, vindas de Assuã, uma procissão de *nomos*, barcos retornando da expedição de Biblos, combates contra os Beduínos e representações únicas na época... O templo de culto enfatiza cenas de caça e de combate, incluindo o massacre ritual dos inimigos. Insiste nas relações entre o rei e os deuses, sempre deixando o primeiro lugar para o culto às estátuas... (GRIMAL, 2012, p. 129).

As pinturas são representadas nas paredes das tumbas como fonte de informações, tanto nos templos, nas antessalas, nas galerias, capelas entre outros ambientes. Estas retratavam a vida cotidiana do faraó desde a contribuição de produtos, cenas de economias, pastoreio, caça, pesca, cenas de combate incluindo ritual dos inimigos, entre outros acontecimentos, tais como cenas de combate derrotando seus inimigos e fazendo oferenda aos deuses.

Conforme Nicolas Grimal nos apresenta:

Os Textos dos Sarcófagos, por sua vez, influenciarão os Livros dos Mortos do Novo Império e da Época Baixa... Estas fórmulas constituem um ritual que visava assegurar ao defunto a passagem para o além e a existência entre os bem-aventurados. Descrevem sua ascensão ao céu, sua instalação entre as estrelas, sua solarização e a sua passagem para o estado de Osíris, fornecendo os textos necessários para a sua purificação e os encantamentos mágicos que lhe permitem

superar os obstáculos surgindo em seu caminho... (GRIMAL, 2012, p. 132).

Era representada, nas pinturas, cenas de ritual em que assegurava ao morto a passagem do faraó ao além, a transição do mundo terreno para o mundo de Osíris, com informações suficientes para a sua purificação, permitindo assim superar os percalços nesta passagem.

Devido ao fato de o faraó voltar às suas origens, era necessária toda uma preparação no mundo terreno, para que este tivesse o mesmo tratamento no mundo do além, desde o ritual para preparação do corpo, para que este não se desintegrasse, pois continuaria vivendo no além, e, todos esses dados eram registrados nas paredes em torno das câmaras mortuárias, eram também escritas fórmulas mágicas e encantamentos para ajudá-lo em sua jornada para o outro mundo.

Os egípcios faziam de tudo para que nada desse errado, na transição do faraó para o outro mundo, tudo era feito com determinados rituais, a religiosidade era o que os moviam. Preservavam o corpo do faraó através do processo de mumificação, caso não obtivessem sucesso neste ritual, faziam uma escultura fiel do faraó, e a sua passagem estaria garantida, assim não haveria a menor dúvida de que sua vida continuaria no além.



<http://meupenteagulhadecroche.blogspot.com.br/2015/07/conhecendo-os-deuses-egipcios.html>

CONCLUSÃO

Conclui-se, com a presente pesquisa, que a religião egípcia era bastante complexa com os seus inúmeros ritos e crenças pautadas numa simbologia mitológica muito expressiva, que explica a origem do mundo: terra, ar e céu, até o princípio da vida, a humanidade.

A cultura do Antigo Egito sempre foi regida pelo sagrado, durante as XXX dinastias, o poderio egípcio nasceu e renasceu diversas vezes, e, de todas as suas conquistas, o que se conservou foram os mecanismos religiosos presentes ao longo destes milênios.

O povo egípcio tinha uma riqueza cultural imensa, e deixaram um vasto legado, pois eram dedicados a ciências, matemática, astrologia, e medicina; conheciam como fisiologicamente funcionava o corpo humano, desenvolveram as técnicas de embalsamento e mumificação, todos os seus afazeres diários tinham uma influência religiosa.

Foram conservados inúmeros textos egípcios de cunho religioso e funerário, textos encontrados nas pirâmides, sarcófagos, livro dos mortos, com orientações ao morto, em relação ao renascimento no além, as diversas divindades referentes aos mitos e rituais divinos, outros correspondentes aos feitos dos faraós, toda essa preparação nos rituais e crenças, era por acreditar que a vida continuaria no além-túmulo, e sabemos dessa cultura riquíssima pelo fato de tudo ser registrado nas paredes das tumbas, templos e palácios através das suas pinturas e seus textos.

Este artigo apresentou a cultura do Antigo Egito com a complexidade de seus ritos funerários, sua simbologia religiosa e a forma de como representavam todos os seus costumes através das pinturas com seus padrões pré estabelecidos. Esta pesquisa proporcionou o aprofundamento dos conhecimentos sobre este povo cheio de mistérios, porém não foi o bastante para encerrar com este artigo, mas sim estimular a continuar buscando novos conceitos desta instigante cultura milenar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BAKOS, Margaret Marchiori. **Fatos e Mitos do Antigo Egito**. 3. ed. Porto Alegre: ediPUCRS, 2014.
- 2 CARDOSO, Ciro Flamarion S. **O Egito Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- 3 CLEOPATRA. Direção de Joseph Mankiewicz, EUA, 1963. Filme.
- 4 Egito: Los Orígenes de Egito. Discovery Channel, 1998. (Documentário). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hSB6JVxnBv8>
- 5 EgitoMania o Fascinante Mundo do Antigo Egito. V. 01 ao 09. Editora Planeta do Brasil. São Paulo: 2001.
- 6 ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A Essência das Religiões**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- 7 ESPAÑOL, Francesca. **Como Saber Ver a Arte Egípcia**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- 8 FARTHING, Stephen. **Tudo Sobre Arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.
- 9 GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- 10 GRIMAL, Nicolas. **História do Egito Antigo**. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- 11 LISE, Giorgio. **A Arte Egípcia**. Coleção Como Reconhecer a Arte. Lisboa: Edições 70, 1978.
- 12 MUSÉE DU LOUVRE. **O Guia do Louvre**. Editions de la Réunion des musées nationaux, 2005. Deckers-Snoeck, Anvers, Bélgica, 2010.
- 13 PISCHEL, G. **História Universal da Arte**. São Paulo: Melhoramentos, v. 1. 1966.
- 14 PROENÇA, Graça. **História da Arte**. 13. ed. São Paulo: Editora Ática. 1999.
- 15 WILKINSON, Philip. **Mitos e Lendas**. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.